



Tanta Literatura Dentro da Gente e Vice-Versa

Carlos Eduardo da Maia viaja serena-mente, de Paris para Lisboa, num comboio moderno, mal se aperceben-do de montes e vales lusos deslocan-do-se no sentido oposto ao do movi-mento ferroviário, ou de alguns ani-mais passeando, pachorrentos, naquele ofício (mais olímpico de todos) de se alimentarem sem dar importância ao ruído de pouca-terra-pouca-terra invadindo a manhã. Ao colo do viajante está um livro verme-lho, cujo título a donzela do banco em frente lê com dificuldade: *Os Maias*, acha ela, semicerrando os olhos cheios de mel que onde estivessem eram a luz.

A donzela viaja com a mãe, uma imponente viúva cheia de amargura, que se habituara à virtude católica como a um espartilho e via em toda a vizinhança masculina uma ameaça à imaculada filha. Desconfiava, claro, daquele quarentão elegante, talvez francês ou espanhol.

Carlos regressa a Portugal dez anos depois de uma paixão funesta pela própria irmã haver abortado, com muito escândalo de particulares e um desgosto mortal do avô Afonso. Nas suas pernas um pouco gordas, repousa a já referida narrativa roman-ceada de toda a sua existência, que o amigo João da Ega, sob o pseudóni-mo de Eça de Queirós, assim inscre-vera em páginas (ditas) realistas.

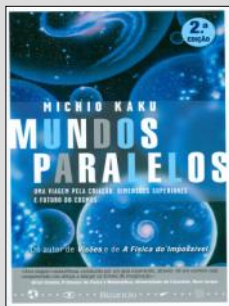
A moça acha bonito o cavalheiro do banco fronteiro, tão distinto e saudá-vel, de pele muito clara, bem pentea-do, com aquelas discretas cãs anun-ciando a madura idade. Depois, num assomo de íntimo pudor, recolhe o olhar e desiste do *flirt*. Parece lem-brar-se de algo importante, e esse sobrevindo recato talvez tenha a ver com um bilhete escondido entre as suas finas luvas, que vem acarician-do há horas às escondidas da matro-na mãe.

A mãe: coitadinha, tão ali cheia de uma flatulência inoportuna e a custo

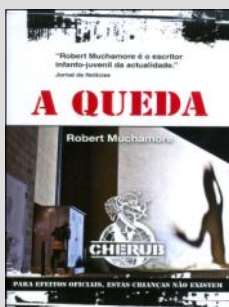
[P.06]

novidades

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA BIBLIOTECA



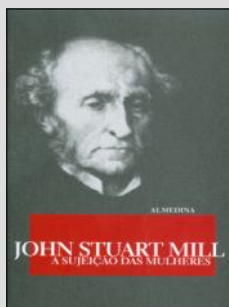
MUNDOS PARALELOS



A QUEDA



Violência, Bullying e Delinquência



A SUJEIÇÃO DAS MULHERES



NORMAS PORTUGUESAS DE....

sumário

A CORES NA WEB PARA DOWNLOAD EM FORMATO PDF

- 01 - Tanta Literatura Dentro da Gente e Vice-Versa
- 02 - Sumário | Editorial | Novidades
- 03 - Leitura(s) | Novidades
- 04 - Leitura(s) | Clara, a menina que sobreviveu ao Holocausto | Novidades
- 05 - Leitura(s) | A princesa de gelo | Novidades
- 06 - Divulgação de Actividades da Biblioteca | Tanta Literatura Dentro da Gente e Vice-Versa (continuação) | Novidades
- 07 - Divulgação de Actividades da Biblioteca | Tanta Literatura Dentro da Gente e Vice-Versa (continuação) | Novidades
- 08 - Divulgação de Actividades da Biblioteca | Slow Dance | Novidades
- 09 - Divulgação de Actividades da Biblioteca | Slow Dance (continuação) | Novidades
- 10 - Divulgação de Actividades da Escola | Visita de estudo a Londres | Novidades
- 11 - Divulgação de Actividades da Escola | Visita de estudo a Londres (continuação) | Novidades
- 12 - Divulgação de Actividades da Escola | Visita de estudo a Londres (continuação) | Novidades
- 13 - Divulgação de Actividades da Escola | Visita de estudo a Londres (continuação) | Novidades
- 14 - Divulgação de Actividades da Escola | Visita de estudo a Porto | Novidades
- 15 - Divulgação de Actividades da Escola | Dia Internacional da Filosofia | Novidades
- 16 - Divulgação de Actividades da Escola | 30 anos da morte e 90 de nascimento de Carlos de Oliveira | Novidades
- 17 - Divulgação de Actividades da Escola | 30 anos da morte e 90 de nascimento de Carlos de Oliveira | O sonho de Arquimedes | Novidades
- 18 - Divulgação de Actividades da Escola | Dia Internacional da Filosofia | Novidades
- 19 - Divulgação de Actividades da Escola | Wanderung | Novidades
- 20 - Leitura(s) | Dia Internacional da Filosofia | Novidades

EDITORIAL

Saber quem somos, como e para onde vamos, poderia ter sido o *slogan* de abertura do novo ano letivo, na Escola Secundária de Cantanhede, marcado, como sempre, pela onda de novos alunos que, pela primeira vez, transpõem os portões daquela que irá ser nos próximos anos a sua segunda casa, ou até, quiçá, a primeira.

A escola é, com efeito, cada vez mais, um local de acolhimento, de referência, de educação para os valores, para a cidadania, para o encontro com o eu e com os outros. É na escola que a personalidade dos jovens se vai construindo, modelando, de acordo com os "oleiros" que vão surgindo no seu caminho. Estes serão, sem dúvida, referências determinantes neste processo de crescimento, de autonomia e de autoconhecimento que os alunos vão tendo de si próprios. Alguns podem, até, chegar ao fim do ciclo, neste caso do Secundário, e não saberem muito bem que porta querem abrir; outros terão já alguma expectativa do que estará por detrás dessa(s) porta(s), sabendo muito bem como e para onde querem voar. A ação da Escola e do ambiente que nela se vive determina todo o percurso

futuro do novo cidadão em crescimento.

A caminhada nem sempre é fácil, os desafios são constantes, as derrotas e as vitórias coexistem, entre os muros da escola. No entanto, esta tem de cumprir a sua missão, apoiando, de forma inequívoca, todos aqueles que "meio perdidos" ainda não sabem o que querem da vida e também os outros, cujos horizontes não têm limites. A todo o ser humano deve ser concedida a possibilidade de sonhar, pois, como diz o poeta "O sonho comanda a vida", mas a Escola tem o dever e a obrigação de orientar esse sonho, para que aterre em terreno fértil e não caia em pousios estéreis.

Sabemos que a Escola de hoje não é a escola de ontem. Qualquer comparação seria despropositada, por isso, o mais importante é a atitude a assumir para com aqueles que, das suas portas para dentro, esperam encontrar quem os acolha, quem os oriente, quem os compreenda e quem lhes sorria. Afinal, *se o importante é partir*, que não seja uma falsa partida, para que a chegada traga as *merecidas palmas da vitória!*

Madalena Toscano

NOV&DEZEMANIMAÇÃO

21NOV	24NOV	05DEZ	09DEZ
Feira do livro	Dia Nacional da Cultura Científica	Declaração Universal dos Direitos Humanos	"Um outro olhar sobre os provérbios e a publicidade"

Equipa da Biblioteca Escolar:

Professores: Clara Póvoa, Esmeralda Rodrigues, José Paixão, Madalena Toscano, Mário Cartaxo e Paulo Melo.

Funcionários: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo.

Professores Colaboradores: Leonor Melo, Maria João Araújo e Orlando Neto.

Colaboração neste número:

Professores: Ana Costa e Silva, Clara Póvoa, Isabel Bernardo, Joaquim Jorge Carvalho e Leticia Paulino.

Alunos: Adriana Silva, Ana Margarida, Ana Marisa, Ana Nascimento, Ângela Costa, Beatriz Jesus, Cláudia Almeida, Cristiana Martinho, Daniel Lopes, Inês Cavadas, Rodrigo Machado e Sara Duarte.

Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Secundária de Cantanhede

Escola Secundária de Cantanhede, Complexo Escolar, Rua Luís de Camões, 3060-183 Cantanhede
Tel: 231 419 569, Fax: 231 420 340 - Direcção: esc-executivo@sapo.pt, www.escantanhede.pt
Fotografia da Capa: João Fael, 12AV

ideiascommérito

Rede de Bibliotecas Escolares

LEITURA(S)

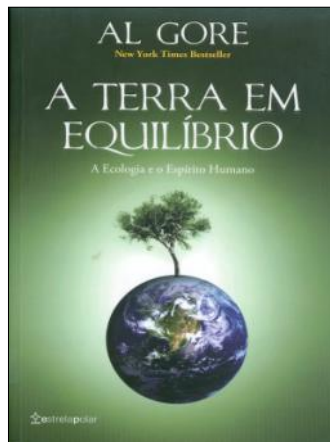
novidades

«A TERRA EM EQUILÍBRIO»

Al Gore / Estrelapolar, cota: 502 GOR

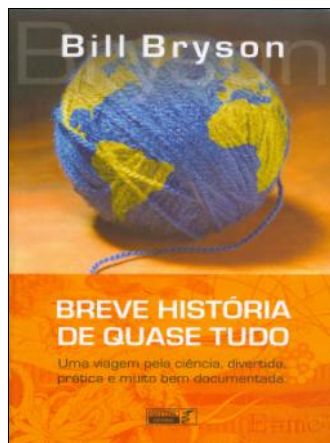
«Foi este o livro que suscitou os primeiros ataques lançados contra Al Gore, na campanha de 1992, pelo então presidente George H. W. Bush, quando o referiu como o "Homem do Ozono".

Este livro, e a viagem que descreve, é a procura de maneiras de compreender e responder ao perigoso dilema que a nossa civilização atualmente enfrenta. *A Terra em Equilíbrio* é uma obra ambientalista que alerta para os efeitos do aquecimento global e para a urgência de avançar com planos políticos estruturados como a única forma de salvar a terra. Numa frase que se tornou famosa, Gore resumia este seu trabalho: "Temos de tornar a salvação do Ambiente no objetivo central da nossa civilização."...

**«BREVE HISTÓRIA DE QUASE TUDO»**

Bill Bryson / Quetzal Editores, cota: 50 BRY

«Uma pesquisa digna de um mamute, anos de investigação e como resultado... o *Big Bang*, os dinossauros, o aquecimento global, a geologia, Einstein, os Curies, a teoria da evolução, a gasolina com chumbo, a teoria atômica, os *quarks*, os vulcões, os cromossomas, o carbono, os organismos edicaranos, a descontinuidade de Moho, o ADN, Charles Darwin e um zilião de outras coisas. Em linguagem não demasiado científica, sempre clara e com as devidas anotações o leitor é conduzido, por este autor extremamente divertido e bem informado, numa viagem através do tempo e do espaço, cujo prato forte é também revelar-nos algumas ironias do desenvolvimento científico. Esta é verdadeiramente uma obra que nos dá a sensação de ter o mundo na palma da mão...»

**«VOCÊ ESTÁ AQUI - UMA HISTÓRIA...»**

Christopher Potter / Casa das Letras, cota: 50 POT

«O que é esse «tudo» que tem evoluído a partir do nada? E o que queremos dizer com «tudo»? De que é feito o «nada»? Se o Universo contém, tudo o que existe, o que é que contém? Onde estamos no Universo? Há espaço para Deus num Universo material? Até que ponto deveríamos ter medo? Qual será o destino do Universo?

Você Está Aqui é uma fantástica viagem pelo universo e uma análise da nossa relação com ele, tal como é hoje possível observar através das lentes do pensamento científico mais avançado. Aqui, pela primeira vez num único intervalo de tempo, está a vida do universo, dos *quarks* aos superaglomerados de galáxias e do lodo ao *Homo sapiens*. O universo foi outrora um momento de simetria perfeita e é agora uma história com 13,7 milhões e anos...»

**«O MISTÉRIO DO BILHETE DE IDENTIDADE...»**

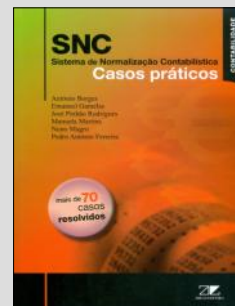
Jorge Buescu / Gradiva, cota: 50 BUE

«O que significa aquele misterioso algarismo que se segue ao número do bilhete de identidade? Qual é a relação do jogo *Minesweeper* com o problema mais importante da matemática? Por que é que a investigação sobre números primos pode provocar o colapso dos sistemas financeiros, tal como há alguns anos humilhou o gigante da eletrônica Intel? O que é a teleportação quântica? Por que é falso e completamente absurdo o mito segundo o qual os seres humanos «usam apenas 10% do seu cérebro»?

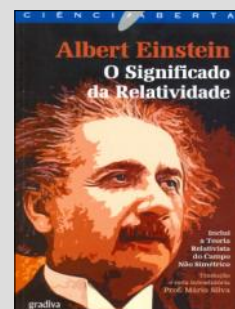
Ciência é curiosidade organizada. Estas *Crônicas* pretendem responder a problemas concretos que se relacionam com as fronteiras da cultura científica atual, mostrando como esta pode ser simultaneamente fascinante e divertida...»



Clara, a menina que sobreviveu ao...



SNC, SISTEMA DE NORMALIZAÇÃO....



O Significado da Relatividade



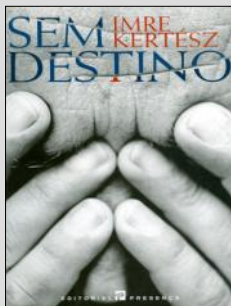
Combateremos a Sombra



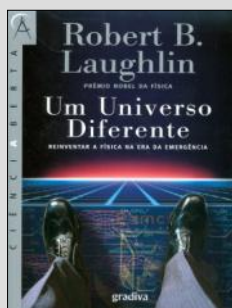
PONTO, LINHA, PLANO

novidades

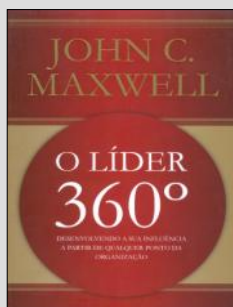
LEITURA(S)



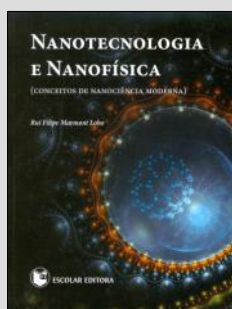
SEM DESTINO



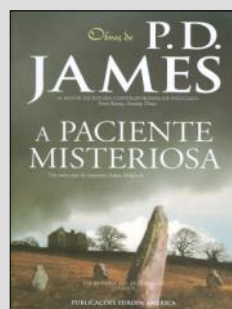
Um Universo Diferente



O LÍDER 360°



NANOTECNOLOGIA E NANOFÍSICA



A PACIENTE MISTERIOSA

Clara: a menina que sobreviveu ao holocausto

"Tenho oitenta e um anos de idade e sou uma das que tiveram sorte." – Assim afirma Clara Kramer no início do seu livro onde, partindo das suas recordações dos dezoito meses passados no bunker construído em casa da família de polacos, os Beck, em Zolkiew, Polónia, narra a sua história e a da sua família de forma realista, mas muito emotiva.

A protagonista desta obra descreve, na primeira pessoa, o Holocausto dos judeus polacos, conseguindo prender-nos até ao final, apesar de, através do título, sabermos à partida qual o destino que lhe coube. O facto de isto acontecer é impressionante e faz lembrar outras obras em que o equivalente se passa: o filme *Titanic* onde, no início uma voz comunica friamente o número de mortes ocorridas nesse naufrágio, passando nós o resto do filme, apesar disso, com a respiração suspensa a ver se todos se salvam, sobretudo os protagonistas; e *Crónica de uma morte anunciada*, de Gabriel García Márquez, onde nos é dito, em tom lacónico, pelo narrador, que o protagonista foi assassinado no dia x, na rua y, passando o leitor a ler freneticamente cada página, tentando como que evitar que os irmãos da antiga namorada o encontrem e o matem. Não é todo o escritor que consegue este feito de começar pelo fim e, mesmo assim, prender o leitor desta forma.

O medo, os sobressaltos constantes provocados pelos nazis, vivemo-los como se fôssemos nós os perseguidos. O calor, a falta de ar e de luz, a falta de espaço em que eram obrigados a viver dezoito judeus impressionam pelo realismo das descrições. Excertos do diário escrito pela protagonista durante esse tempo iniciam cada capítulo, sendo completados por uma narrativa emocionante da segunda guerra mundial. Este é um livro de leitura obrigatória para quem quer conhecer outra versão do Holocausto.

Clara Póvoa

Clara Kramer / cota: 82 | VAR KRA

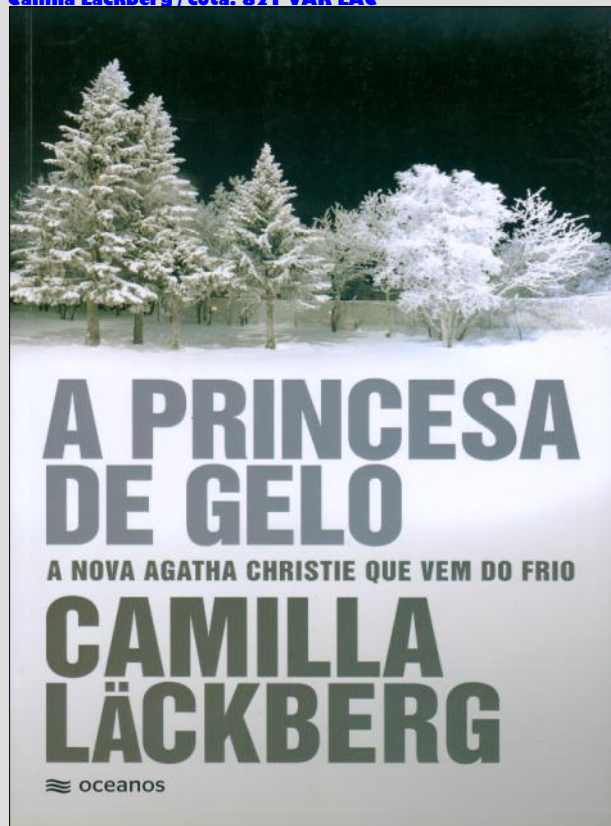


Ana Margarida | 11AV

LEITURA(S)

novidades

Camilla Läckberg / cota: 821 VAR LAC



Ana Nascimento | 11AV

A princesa de gelo

Para quem gosta de livros policiais, tem uma ótima opção de leitura na BE: *A princesa de gelo*.

Camilla Läckberg é uma das escritoras escandinavas que actualmente está a ter um enorme sucesso, constituindo-se como um fenómeno de vendas na Suécia e sendo vista já como a Agatha Christie da actualidade.

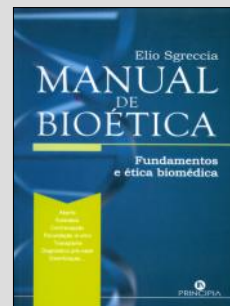
Desde a primeira página que vamos sendo envolvidos, a par com a protagonista Erica Falk, no mistério que envolve o aparente suicídio de Alex, sua amiga de infância.

Esse mistério vai-se adensando, até que começamos a desconfiar de que afinal pode tratar-se de assassinio e que aquela cidadezinha piscatória esconde mais segredos do que aparenta, nomeadamente um antigo desaparecimento do filho de um magnata local, Nils Lorentz, nunca resolvido e uma ligação aparentemente sem sentido entre Alex, e o vagabundo Anders.

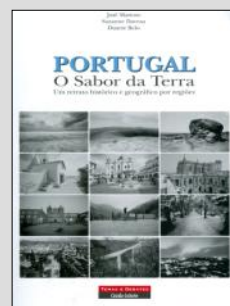
O romance surge imprevistamente entre Erica e um ex-colega de liceu Patrik Hedström, polícia, contribuindo ambos para o esclarecimento de todos os factos.

Uma boa leitura para a interrupção do Natal!

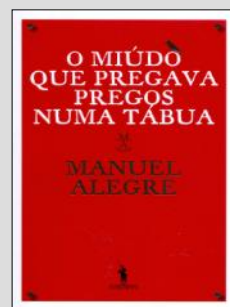
Clara Póvoa



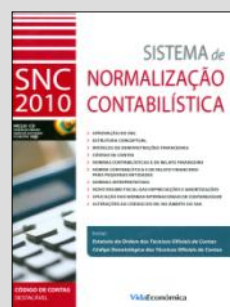
MANUAL DE BIOÉTICA



PORTUGAL, O SABOR DA TERRA



O MIÚDO QUE PREGAVA PREGOS...



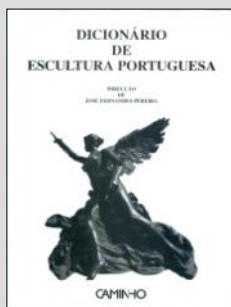
SISTEMA de NORMALIZAÇÃO...



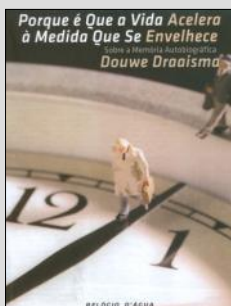
MARKETING para o TURISMO...

novidades

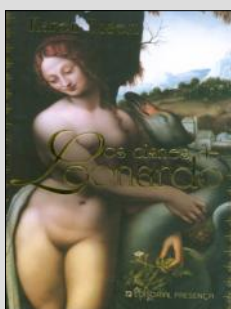
DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA BIBLIOTECA



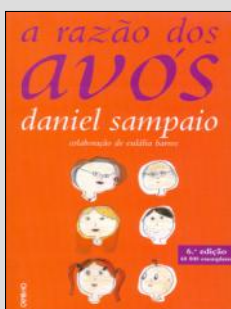
DICCIONÁRIO DE ESCULTURA...



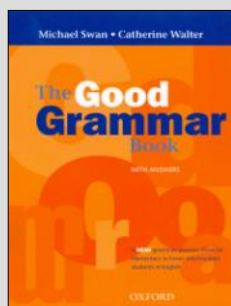
Porque é Que a Vida Acelera...



OS CISNES DE LEONARDO



A razão dos avós



The Good Grammar Book

Tanta Literatura Dentro da Gente e Vice-Versa

[P.01]

sustida, já vai cedendo à tentação do sono e alterosamente respira ali, de olhos fechados, desmaiados os braços ao longo do oblíquo corpo.

O bilhete: escreveu-o à moça um tal Cesário Verde, filho de comerciantes (segundo ela percebeu), poeta ainda sem fama e, infelizmente, tuberculoso. O rapaz ainda não se esqueceu dela, desde certo pic-nic em Linda-a-Pastora. E a rapariga abençoava, *a posteriori*, a ideia da mãe que tanto insistira em que fossem ambas àquela reunião social - ali encontrara duas primitas, cinco meninas desconhecidas e desinteressantes (embora barulhentas), alguns rapazes da sociedade, a tia-avó, um duque recém-chegado à política e três senhores com negócios na Bolsa portuense.

A meio da tarde, a mãe zangara-se a valer com a donzela por esta imprudentemente haver saltado do burrico e ter ido colher, ao chão perigoso, algumas papoulas. As primas haviam rido, o duque lamentara, com verbo severo, o impulso juvenil, e a maternal matrona gritara com mais volume que graça. Cesário estava na rectaguarda desta cena, molemente burriando em seu caminho, e nele se acendeu uma súbita admiração - a um tempo sensual e metafísica - pela jovem de olhos claros, disto decorrendo mesmo que, pela tarde adiante, esquecido das horas e da tuberculose, se entregou a uma (talvez excessiva) adoração silente.

A mãe apercebeu-se daquele olhar contínuo sobre os vigorosos mundos que o peito da filha citrinamente desenhava. Era bem no vão do jovem decote que ora jaziam algumas das papoulas colhidas - e para lá se desviavam, por isso, os olhos entusiasmados do poeta. Ora, a viúva não se coíbiu de rosnar avisos e, apesar de informada pela tia-avó, da doença do infeliz olhador, ali murmurou sem piedade, mesmo à chegada ao solar onde jantariam:

- A tuberculose não é desculpa para a pouca vergonha, minha tia!

Carlos da Maia ajudou aquela mãe e

[P.07]



Sara Duarte | 11AV



Sara Duarte | 11AV



Cláudia Almeida | 11AV



Cláudia Almeida | 11AV

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA BIBLIOTECA

novidades



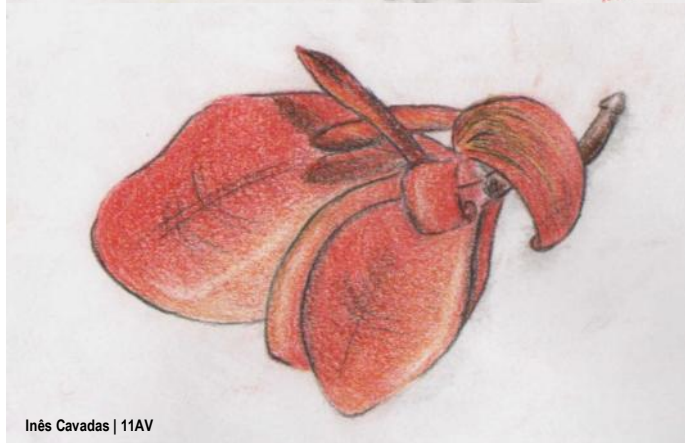
Ana Nascimento | 11AV



Ana Nascimento | 11AV



Cláudia Almeida | 11AV



Inês Cavadas | 11AV

Tanta Literatura Dentro da Gente e Vice-Versa**[P.06]**

aquela filha a transportarem malas e caixas em Santa Apolónia, estendendo o galante sacrifício até as senhoras encontrarem uma carruagem disponível. Ao contrário do que o romance *Os Maias* dizia, João da Ega não esperava, naquele dia, o seu amigo Carlos. É que o brilhante iconoclasta deviera embaixador e estava, por essa altura, algures em Cuba, escrevendo ou vivendo outras histórias.

A casa do Ramalhete estava fechada e uma dezena de heras vigorosas atravessavam verticalmente, como selos judiciais, a porta principal, rumo ao céu. Da sua carruagem alugada, a donzela e a matrona mãe viram Carlos (sem o reconhecerem) mirando a casa onde ele estivera para ser feliz, onde fora feliz, onde deixara de ser feliz. Apertando, entre os seus dedos finos, quatro versinhos apenas de um poema a haver, lavrado por aquele admirador tuberculoso, a rapariga suspirou nesse exacto momento em que os cavalos, puxando as rodas, percorriam a estrada fronteira ao Ramalhete. Muito linda, sob a luz matinal de Lisboa, mais falando para si própria do que para a mãe, disse:

- Parece uma casa como aquelas que vemos descritas nos romances...

A mãe respondeu, indiferente:

- É uma casa como as outras...

Do fundo do balcão da loja de ferragens paterna, Cesário retomava já, no intervalo de uma tosse teimosa e seca (muito pouco romântica, convenhamos), a quadra apressadamente oferecida, naquela tarde inesquecível de Linda-a-Pastora, à doce recolectora de papoulas:

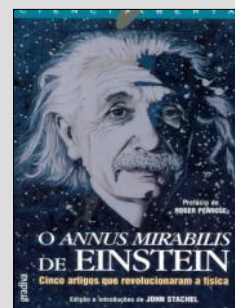
Naquele pic-nic de burguesas
Houve uma coisa simplesmente bela...

Ribeira de Pena, 24 de Maio de 2011.

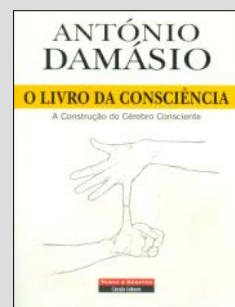
Joaquim Jorge Carvalho



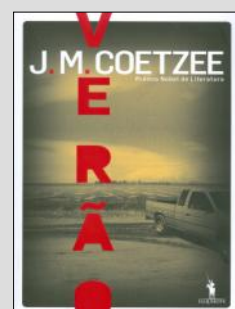
TURISMO



O ANNUS MIRABILIS DE EINSTEIN



O LIVRO DA CONSCIÊNCIA



VERÃO



EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA...

novidades

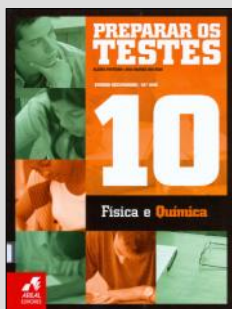
DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA BIBLIOTECA



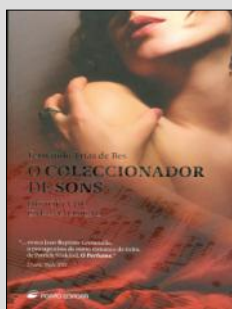
GUIA DO ANIMADOR na formação...



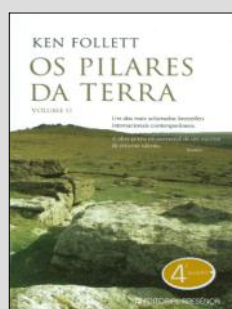
O novo acordo ortográfico



10.ª Física e Química



O COLECCIONADOR DE SONS



OS PILARES DA TERRA

SLOW DANCE

Have you ever
watched
kids
On a merry-go-round?

Or listened to
the
rain
Slapping on the ground?

Ever followed a
butterfly's erratic flight?
Or gazed at the sun into the
fading
night?

You better slow down.
Don't
dance so
fast.
Time is short.
The music
won't
last.

Do you run through each day
On
the
fly?
When you ask How are you?
Do you hear
the
reply?

When the day is done
Do you lie
in your
bed
With the next hundred
chores
Running through
your head?

You'd better
slow down
Don't dance so
fast.
Time is
short.
The music won't
last.

Ever told your
child,

[P.13]



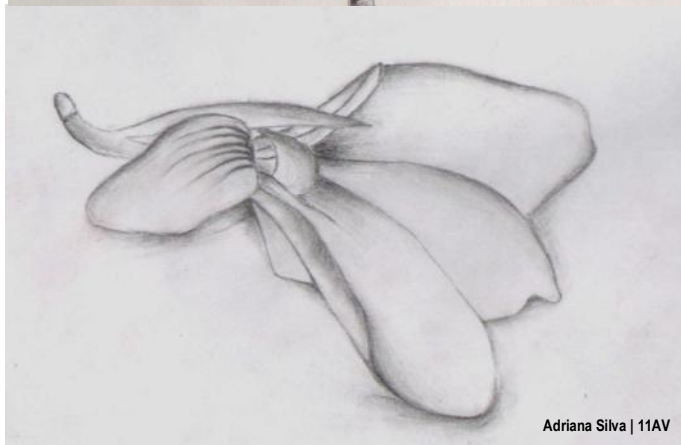
Ana Nascimento | 121V



Adriana Silva | 11AV



Ana Nascimento | 11AV



Adriana Silva | 11AV

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA BIBLIOTECA

novidades



Daniel Lopes | 11AV



Rodrigo Machado | 12AV



Beatriz Jesus | 11AV



Rodrigo Machado | 12AV

[P.12]

We'll do it
tomorrow?
And in your
haste,
Not see
his
sorrow?

Ever lost
touch,
Let a good
friendship die
Cause you
never had time
To call
and say, 'Hi'

**You'd
better slow down.
Don't dance
so fast.**

**Time
is short.
The music won't
last..**

When you run
so fast to get somewhere
You
miss half the fun of getting
there.
When you worry and hurry
through your
day,
It is like an unopened
gift....
Thrown
away.
Life is not a
race.
Do take it
slower
Hear the
music
Before the song is
over.

**Este poema foi escrito por uma
jovem em estado terminal num
hospital de Nova York.**

**Possa ele fazer-nos ver a vida com
outros olhos!...**

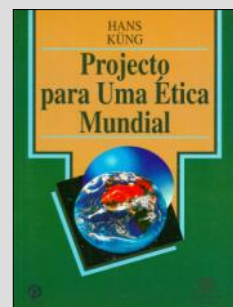
Clara Póvoa



A LINGUAGEM DO CORPO



LUA NOVA



Projecto para Uma Ética Mundial



Um fio de ética



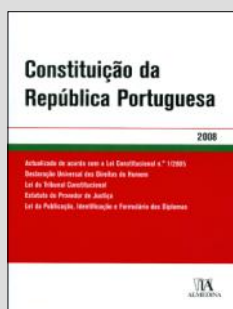
Jogos e Projectos de Expressão...

novidades

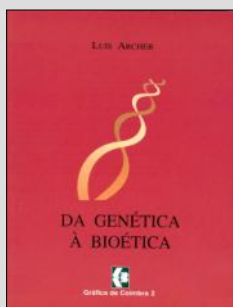
DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA



PROBLEMAS DE FÍSICA E QUÍMICA



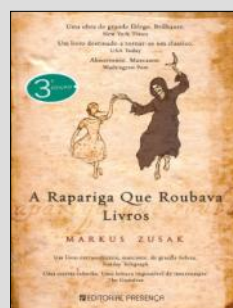
Constituição da República Portuguesa



DA GENÉTICA À BIOÉTICA



UMA QUESTÃO DE BELEZA



A Rapariga que Roubava Livros

Visita de estudo a Londres

Eis chegado o grande dia, 7 de Março de 2011. Os objectivos já há muito tempo delineados seriam em breve concretizados. Saída da Escola às dez horas como previsto. Malas preparadas, coloridas, devidamente personalizadas, que os nervos poderão fazer falhar o discernimento.

Viagem para o Aeroporto Sá Carneiro. Calma, com muito tempo, algo essencial, pois poderá dar-nos margem de manobra para qualquer eventualidade. E esta aconteceu: graças ao espaço de tempo alargado, a Ângela pode partir, pois o seu pai teve tempo suficiente para ainda lhe poder levar o Cartão de Cidadão, entretanto encontrado e sem o qual não poderia ter ido. O *check in* começa, uma nova realidade para a maior parte do grupo. De salientar o rigor com que as autorizações dos pais das alunas menores são vistas, algo que acontecerá de novo aquando da ida para a fila da porta de embarque, já depois de passar pela revisão de segurança. Durante todo este percurso já as alunas contactaram com termos que só conheciam da aula: *departure, gate, boarding pass, ...*

E a hora de embarcar chegou. Assustadas, nervosas, ansiosas, excitadas, um misto de sensações novas, impossíveis de disfarçar. E o primeiro contacto real com a língua inglesa e com a moeda.

O voo foi fantástico: um tempo limpo, que nos permitiu ver o cenário muito lá em baixo. Não houve instabilidade, nem qualquer tipo de sobressalto.

Tempo para falar, rir, conhecer.

E chegámos a Gatwick. Eram dezasseite horas. O aeroporto, estando em obras, parece-nos carrancudo, cinzento, reticente. Lá fomos para a alfândega. Tudo bem.

De seguida, vem a *luggage claim*, novo termo posto em prática. Aí vem a minha mala, aí vem a tua... pedações de nós à espera.

Igualmente à nossa espera, duas carrinhas que nos transportariam ao hotel Generator. Serviço fantástico,



DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA

novidades

[P.10]

de uma utilidade prestimosa (não seria fácil chegar a Londres, com todas aquelas malas e a anoitecer...). A viagem para Londres demorou cerca de uma hora e meia. No caminho, pudemos observar as casas típicas e, já à chegada, ter uma vista privilegiada do *Big Ben* e das *Houses of Parliament* ao cair da noite. Parecia um sonho! Estávamos mesmo lá.

Deixaram-nos mesmo na entrada do Hotel Generator. Só tivemos de descer uma pequena estradinha e virar à direita. Aí o contacto com um *check in* real. As alunas que tinham ficado como titulares da reserva dos quartos preencheram uma ficha fornecendo os seus dados. Tiveram, entretanto, de tomar conhecimento das regras do hotel. De seguida, já agrupadas, receberam o número do quarto e o cartão magnético para a sua abertura.

Tempo de inspecionar, de vasculhar, de arrumar "a casa". Não era nenhum luxo, mas era aceitável. Afinal, estava lá muita gente. Ficámos no segundo, terceiro e quarto andares. Cada andar tinha balneários comuns, não havendo casas de banho privadas. No primeiro andar havia um restaurante, um bar, uma sala comum para as refeições e uma sala de estar, onde geralmente se encontrava muita gente a conversar, a ver televisão, a teclar no computador, ...

Neste primeiro dia, a prioridade foi comer algo e descansar, porque o cansaço pesava. Nada de *Piccadilly Circus*, simplesmente cansaço. Ainda tivemos oportunidade de conhecer a "nossa" estação de metro, *Russel Square Station*, e a "nossa" linha, *Piccadilly Line*. E, para um primeiro dia, o balanço foi bastante positivo.

Dia 8 de Março.

Pequeno almoço numa profusão de nacionalidades onde não falta-

vam contrerrâneos. Como é difícil movimentar-nos em terreno desconhecido! Nada que não se ultrapasse. Preparação para um dia a pé, adivinhando-se, assim, bastante cansativo.

O trânsito matutino de uma cidade como Londres, os táxis típicos a passar, os prédios sumptuosos de *Euston Road* e *Maylebone Road* que nos levariam ao Museu *Madame Tussaud's*. "Look right", "look left", "underground", locuções que podiam ser comprovadas pela realidade gritante. "Where is Madame Tussaud's?" "Straight ahead!". E lá estava ele com a sua cúpula verde. Afinal, havia muita gente que, como nós, esperava para entrar. Os "vouchers" foram trocados pelos bilhetes e, vinte minutos depois, entrávamos. Seria impossível percorrer as salas em grupo. Só nos voltaríamos a encontrar cerca de duas horas mais tarde, já no exterior.

Registe-se toda a movimentação à volta das personagens, desde as políticas às desportivas, passando por aquelas do panorama musical, dos que já cá não estão aos bem vivos e da nossa convivência. E temos a Família Real, a família Obama, o José Mourinho, o Morgan Freeman, o Ghandi, o Michael Jackson e muitos outros. De realce a viagem pelo tempo em táxis típicos londrinos que levam o viajante a reviver os tempos passados da história de Londres. Ainda, para ver e "fugir" de medo, a *Chamber of Horrors* que arreia o mais destemido ou não fosse uma encenação recorrendo a "real actors".

Tempo ainda de visitar a "gift shop" e de lidar com "real money".

Hora de almoço. Aproveitou-se o facto de, ao lado, haver um restaurante que servia comida que nos pareceu comestível. Comer em Londres é muito caro!

Hora ainda de comprar as camisolinas com o slogan "I <3 London",

lidar com comparativos de superioridade: "I want a smaller one", "I want a bigger one". Trocos para aqui, trocos para ali, há que caminhar rumo a *Hyde Park*.

E o caminho a pé foi longo, através de *Oxford Street* até *Marble Arch*, marco de *Hyde Park*. O dia estava lindo, mas havia vento e fazia frio. Entrámos no parque até ao "Speaker's Corner", onde nos tentámos proteger da brisa.

Mas claro que o lago *Serpentine* tinha de ser visto. Os esquilos, as pessoas à beira do lago, alguns transeuntes exercitando os patins, mais um café, mais um sumo. E agora? Hora de voltar porque o bilhete de metro era caro e não justificava a sua compra só para viajar uma vez. A decisão foi regressar a pé, algo que foi penoso, com muita visão e revisão do mapa que nos acompanhou. Competência adquirida, com certeza! Desta vez percorremos toda a *Oxford Street*, com a promessa de lá voltar para fazer compras, até *Tavistock Place*, local do nosso hotel. Saímos de manhã e regressámos à noite. Depois de um dia assim, só apetecia descansar. No fim de jantar, ainda fomos a *Russel Square Station* inquirir sobre a compra de bilhete de grupo para o próximo dia. Assim, a visita a *Piccadilly* ficaria adiada para o dia seguinte, usufruindo plenamente do bilhete de metro.

Regresso ao Hotel, não sem antes dar uma volta de reconhecimento pelos seus arredores, descobrindo lugares que poderiam vir a ser úteis (vários supermercados) e ainda tomar uns *capuccinos* quentinhos num restaurante que se tornou familiar. Sempre que passávamos, era ouvi-los com "hellos" ruidosos e indistigáveis.

Quem quis ainda passou pela sala de estar do hotel, mas a cama chamava para descansar: o dia seguinte ia ser igualmente longo.

Dia 9 de Março de 2011

Pequeno almoço no hotel, mais continental que "British": sumo,

[P.22]



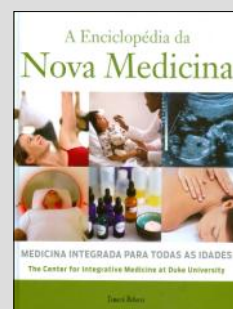
A Agonia da Terra



UM ESTRANHO CASO DE CULPA



TEORIA E PRÁTICA DO MARKETING



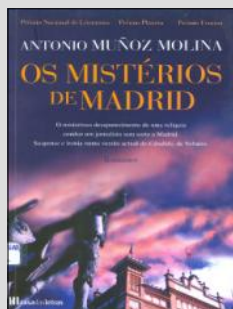
MEDICINA INTEGRADA PARA...



DIDÁCTICA DAS EXPRESSÕES

novidades

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA



OS MISTÉRIOS DE MADRID...



O Portão do Corvo



FIGURAS DAS LETRAS E ARTES NA BAIRRADA



OS PILARES DA TERRA, Volume I



MÁSCARAS, Confeção e Decoração

Visita de estudo a Londres

[P.11]

leite, café, cereais, tostas (que cada um podia aquecer numa "torradeira" comum), manteiga, compotas...

Seriam 9 h quando saímos rumo a *Russel Square Station*. Aí comprou-se um bilhete de grupo que nos permitia andar todo o dia no metro. E que prático se revelou ser! Tomámos *Piccadilly Line* (dark blue) rumo à estação *Hyde Park Corner*. Foi só seguir as placas de informação ou os turistas que, como nós, se dirigiam ao Palácio de Westminster para ver a cerimónia "The Changing of the Guard" (O render da guarda). Aí tivemos tempo suficiente para observar *Buckingham Palace* (O palácio de Buckingham), com a bandeira hasteada e as cortinas corridas. Foi tempo de escolher o melhor lugar que, de acordo com um bobby, seria nas escadas do monumento dedicado à *Queen Victoria*.

Um pouco atrasada (algo que contraria a tão falada pontualidade britânica) lá decorreu toda aquela cerimónia, num misto de cavalos, guardas, palavras de ordem, cor e música. À nossa volta muita gente e, quem diria, um grupo de alunos de Penafiel.

Terminada esta cerimónia, dirigimo-nos à zona de Westminster, tendo como objectivo a visita à *Westminster Abbey*, às *Houses of Parliament* e *Big Ben*, não sem antes ter almoçado num restaurante de *fast food*. Tempo para comprar lembranças, tirar fotos, acertar o relógio e ver de longe o *London Eye*.

Hora de tomar o metro na estação de Westminster (*green line*) até *Tower Hill*. Aí foi só seguir as indicações para a Torre de Londres (*Tower of London*). O dia estava escuro. Ameaçava chover, o que acabou por não acontecer. Os "vouchers" foram trocados pelos bilhetes. Muitos turistas por todo o lado. Olha a *Tower Bridge* tão azul e ali tão perto! Interessante visitar um local tão importante para a história da Inglaterra e do Reino Unido. Lugar de muitos actos macabros que ainda se adivinham por

detrás de todas aquelas pedras. As jóias da coroa são sempre belas e o vídeo sobre a coroação da Rainha Isabel II, em 1952, faz suscitar a curiosidade sobre toda a árvore genealógica da Família Real. Então, mas quem é Charles? E William? Interessante ainda foram os corvos que se passeiam no jardim da torre. Diz-se que, no dia em que a sua presença não se faça sentir, a monarquia terá cessado por aquelas terras!

Foi tempo de fazer um trajecto de metro complicado, de volta a *Russel Square Station*. De *Tower Hill* a *Monument*, usando a *District Line* (*green line*); andar bastante (como toupeiras) para chegar à estação de *Bank* na *Central Line* (*red line*). De *Bank* até *Holborn* na mesma linha foram apenas duas estações. Nada fácil, principalmente em hora de ponta. Aí foi só entrar de novo na *Piccadilly Line* (*dark blue line*) até à "nossa" estação. Hora de regressar ao hotel para descansar e jantar.

Ainda sairíamos à noite, tomando de novo o metro (a mesma linha, felizmente!) para *Piccadilly Circus*, espaço privilegiado à noite.

Foi lindo, sair da estação e depararmo-nos com os reclames luminosos que apenas conhecíamos de outros suportes que não o real. Tempo de vermos montras (aqueles bolos apetitosos!), a farmácia da cadeia *Boots and Spencer*, mais lembranças.

Eram vinte e três horas quando fizemos a viagem de volta, tirando o máximo partido do bilhete comprado pela manhã. Hora de descansar, porque um novo dia nos esperava.

Dia 10 de Março de 2011

A mesma rotina e o mesmo pequeno almoço. Agora já nos vai parecendo familiar. Hoje seria o dia de compras "shopping day", um dia bastante aguardado. Mas primeiro havia a visita a *St Paul's Cathedral* (Catedral de São Pau-

lo). Compra de um novo bilhete de metro. *Piccadilly Line* até *Holborn*. De *Holborn* até à estação de *St Paul's* pela *Central Line* (*red line*). Troca dos "vouchers" pelos bilhetes e o recurso a uma nova tecnologia: *phones* que nos permitiram ouvir a história de todo aquele monumento. Assistimos à oração (dois minutos apenas) que todo o dia (e todos os dias) acontece naquela catedral e na qual todos são convidados a participar. Para os que acreditam e para os que não acreditam. Subida de 257 degraus até à *Whispering Gallery* (Galeria dos Suspiros), assim chamada porque qualquer murmúrio aí sussurrado far-se-á ouvir na catedral. Para os mais corajosos ainda um lanço de degraus (528) para ter uma visão esplendorosa de Londres. Recomendável para quem esteja em forma.

Mais lembranças na *gift shop*.

Hora de tomar o metro de novo para a estação de *Knightsbridge*, estação que serve *Harrods*. *Central Line*, mudança em *Holborn* para a *Piccadilly Line*. Aí estávamos, em *Harrods*. Primeiro era necessário almoçar. Fizemo-lo num Mac.

E foi tempo de visitar, sim porque os preços são proibitivos para comprar, os diferentes sectores. Notável o luxo a par com a simpatia com que recebem os visitantes.

Cá fora os táxis alinham-se à espera de clientes. Nós apanharemos o metro.

De *Knightsbridge* até *Holborn*, na *Piccadilly Line*, e de *Holborn* até *Marble Arch*, na *Central Line*. Para nós "mind the gap", "way out" e "keep right" já eram expressões familiares. Tempo de compras em *Oxford Street*: nesta famosa rua há lojas caras (*Marks and Spencer*, *Selfridges*), mas também há a *Berska*, a *Primark*, ...

[P.17]

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA

novidades



Beatriz Jesus | 11AV



Beatriz Jesus | 11AV



Beatriz Jesus | 11AV



Ana Margarida | 11AV

Visita de estudo a Londres

[P.12]

18h30 - hora de fazer o percurso de volta: de *Marble Arch* até *Holborn* e de *Holborn* até *Russel Square Station*. Descanso e jantar.

E o dia não acabou sem fazer uma visitinha (curta) a *Covent Garden*. De dia seria um local muito interessante para visitar, de noite, só uns bares abertos (com entrada proibida a menores) e um cantor de rua. A voz de Tracy Chapman a cantar "Baby can I hold you". Podia-se inferir o movimento que aquele local teria durante o dia. Fazia frio, mas *Piccadilly* ainda nos chamou uma vez mais: ainda tínhamos o bilhete de metro.

Hotel, descanso, que o dia seguinte seria de partida e os horários teriam de ser respeitados. Afinal estávamos bem longe.

Dia 11 de Março de 2011

Dia da partida para Portugal. Com *transfers* às 07:55 (quatro horas antes do voo), tivemos de nos apressar. O *check out* revelou-se rápido, porque não tínhamos feito qualquer depósito. Foi só entregar o cartão magnético e sair.

A viagem para Gatwick foi calma. Demorou uma hora e trinta minutos.

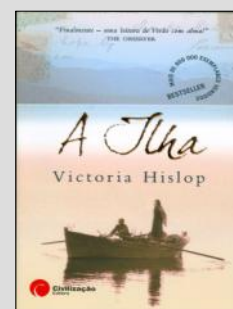
Check in logo de seguida, passagem pela alfândega e meia hora para comer enquanto se esperava pela indicação da abertura da nossa porta de embarque. *Flight number, destination, gate number, boarding* (felizmente, não *delayed*), expressões facilmente consultáveis nos ecrãs do aeroporto. A nossa porta foi o número 4. Foi uma questão de meia hora até entrarmos para o avião. A tripulação era muito simpática.

O voo decorreu sem incidentes e foi com indisfarçável alegria que avistámos a cidade do Porto.

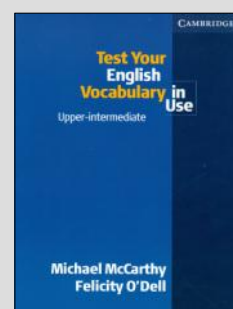
Recolhemos as malas e o autocarro já nos esperava. Silêncio, risadinhas, nervoso miudinho, saudades para matar.

Serviui como experiência e como vivência de novas situações. Cada um falará por si. As saudades, agora caladas, far-se-ão, talvez, sentir muito mais tarde.

Ana Costa e Silva



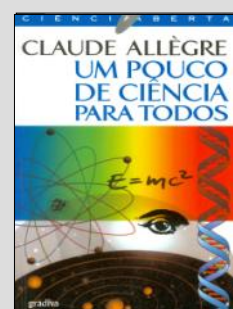
A Ilha



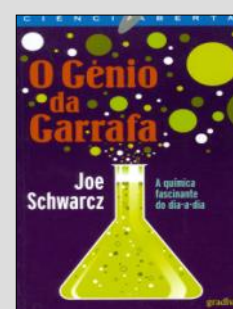
Test Your English Vocabulary in Use



Prática Contabilística I



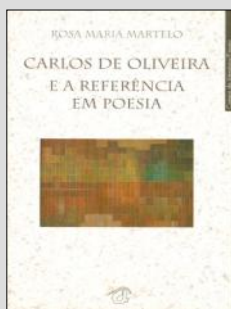
UM POUCO DE CIÊNCIA PARA...



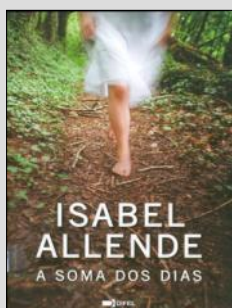
O Gênio da Garrafa

novidades

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA



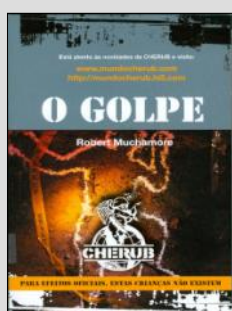
CARLOS DE OLIVEIRA E A...



A SOMA DOS DIAS



10.ª Física e Química



O GOLPE



OS DA MINHA RUA

Visita de estudo ao Porto

No dia 25 de Outubro de 2011, realizou-se uma visita de estudo destinada aos alunos das turmas 11.º e 12.º do Curso de Artes Visuais da nossa escola.

O objetivo principal da visita era os alunos terem contato com obras de arte e assim estimular a sua sensibilidade para diversos tipos de Arte. Pela manhã, os alunos visitaram a Casa da Música cujo projeto foi definido em 1999, como resultado de um concurso internacional de arquitetura que escolheu a solução apresentada por Rem Koolhaas.

No final da manhã, o grupo almoçou num restaurante na avenida da Boavista onde reinou a boa disposição. Por volta das 15h00 começou a visita à Fundação de Serralves, onde puderam visitar o Museu de Arte Contemporânea bem como os jardins envolventes. Depois disso, os alunos puderam ainda visitar a FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, obra de Siza Vieira, onde viram uma exposição de trabalhos dos alunos de Arquitectura, "Anúria | 2011", bem como os espaços interiores do edifício.

A última parte da visita, em especial, contribuiu para a clarificação de algumas dúvidas da parte dos alunos em relação ao seu futuro/percurso académico. Foi também importante, visto que os alunos tiveram oportunidade de contactar com edifícios projetados por arquitectos com projeção internacional.

Depois de um dia rico em experiências visuais e artísticas a chegada a Cantanhede deu-se por volta das 21h00.

Ana Marisa
Ângela Costa



DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA

novidades



Dia Internacional da Filosofia

No passado dia 17 de novembro assinalou – se, na Escola Secundária de Cantanhede o Dia Internacional da Filosofia.

Com a colaboração dos alunos do 11ºAV que com muita dedicação e talento ajudaram a realizar o cartaz.

Os alunos do 11º ano assinalaram o dia com reflexões pessoais, em marcadores e em eportfolios digitais onde defenderam porque é que vale a pena filosofar hoje!

Os marcadores realizados pelos alunos acompanharam, nas vitrines, muitas obras de grandes filósofos que marcaram a história do pensamento, que se quer livre, vivo e sempre crítico.

Esses marcadores puderam ser apreciados por todos aqueles que visitaram a exposição alusiva ao dia Internacional da Filosofia.

E porque é o pensamento livre que alimenta os sonhos, e porque “quando um homem sonha o mundo pula e avança...”

Para a exposição Comemorativa do Dia Internacional da Filosofia, que esteve patente no Polivalente da nossa escola, durante uma semana, também contribuíram com o seu talento e ideias, os alunos do 10º ano.

Nesse mesmo dia, dois alunos do 10º LH, a Christiane e o Rodrigo brindaram-nos com um momento musical, em que interpretaram a *Pedra Filosofal*, poema de António Gedeão, musicado por Manuel Freire.

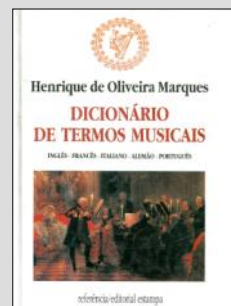
Também nos encantou a Stephanie Espadilha do 10ºCT4 com Run de Leona Lewis.

Foi então que se fez silêncio para escutar e saborear as palavras e os sons que nos elevaram o espírito e nos desafiaram a refletir e a lutar para que a dignidade humana seja reconhecida em todos os lugares e em todas as mentes, pois ...”sempre que um homem sonha o mundo pula e avança”... E é por isso vale a pena, agora e sempre, acreditar no sonho e ...filosofar...

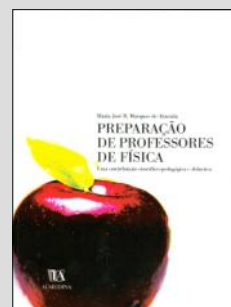
Letícia Paulino



ACORDO ORTOGRÁFICO, GUIA...



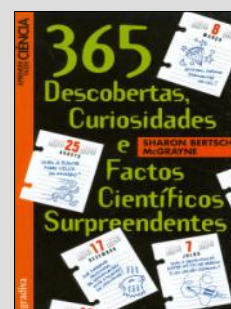
DICCIONÁRIO DE TERMOS MUISICAIS



PREPARAÇÃO DE PROFESSORES...



Prática Contabilística II



365 Descobertas, Curiosidades e...

novidades

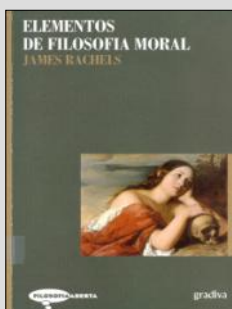
DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA



COMO RESPIRAM OS ASTRONAUTAS



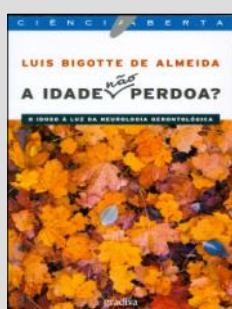
OS GÉNIOS DA CIÊNCIA



ELEMENTOS DE FILOSOFIA MORAL



ELEMENTOS de CONTABILIDADE...



A IDADE não PERDOA

30 ANOS DA MORTE
E 90 DE NASCIMENTO
DE CARLOS DE OLIVEIRA

Nascido no dia 10 de agosto de 1921 e falecido no dia 01 de julho de 1981, CARLOS DE OLIVEIRA vive a infância e juventude na vila de Febres, onde o pai exercia medicina. Em 1933 muda-se para Coimbra, onde permanece durante quinze anos, a fim de prosseguir os estudos. Estabelece amizade com Joaquim Namorado, João Cochofel e Fernando Namora. Em 1937, publica em conjunto com Fernando Namora e Artur Varela, um pequeno livro de contos **Cabeças de Barro**. Em 1947 licencia-se em Ciências Histórico-Filosóficas, instalando-se definitivamente em Lisboa, no ano seguinte. Casa-se com Ângela, jovem madeirense que conhecera nos bancos da Faculdade, sua companheira e futura colaboradora no ato de escrita. Frequenta regularmente a região da Gândara, tema principal da sua obra. Data de 1942 o seu primeiro livro de poemas, intitulado **Turismo**, com ilustrações de Fernando Namora e integrado na coleção poética de 10 volumes do Novo Cancioneiro, iniciativa que integra o movimento do neo-realismo.

Em 1943 publica o seu primeiro romance, **Casa na Duna**. No ano de 1944 surge o romance **Alcateia**, que viria a ser apreendido pelo regime.

Em 1945 publica um novo livro de poesias, **Mãe Pobre**. Participa nas revistas Seara Nova e Vértice, além da colaboração no livro de Fernando Lopes Graça, em **Marchas, Danças e Canções**, uma antologia de vários poetas, musicadas pelo maestro. Em 1948 publica um novo romance, **Pequenos Burgueses**. Em 1953 publica **Uma Abelha na Chuva**, o seu quarto romance e, unanimemente reconhecido, uma das mais importantes obras da literatura portuguesa do século XX, tendo sido integrado no programa da disciplina de português no ensino secundário. Em 1957 organiza, com José Gomes Ferreira, os **Contos Tradicionais Portugueses**, alguns deles posteriormente adaptados ao cinema por João César Monteiro.

[P.17]



Inês Cavadas | 11AV



Inês Cavadas | 11AV



Cristiana Martinho | 11AV



Cristiana Martinho | 11AV

DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA

novidades

[P.16]

Em 1968 publica dois novos livros de poesia, **Sobre o Lado Esquerdo** e **Micropaisagem**, e colabora com Fernando Lopes na adaptação de *Uma Abelha na Chuva*. Em 1971 sai *O Aprendiz de Feiticeiro*, coletânea de crónicas e artigos, e *Entre Duas Memórias*, livro de poemas, que lhe vale o Prémio da Casa da Imprensa. Em 1976 reúne toda a sua poesia em dois volumes, sob o título de *Trabalho Poético*, juntando aos seus poemas anteriores, os inéditos reunidos em *Pastoral*, publicado autonomamente no ano seguinte. O seu último romance, *Finisterra*, sai em 1978, tendo como fundo a paisagem gandraesa. A obra proporcionou-lhe o Prémio Cidade de Lisboa, no ano seguinte. Morre na sua casa em Lisboa, com 59 anos.

NOTA:

Para além de um Colóquio Internacional realizado ao longo do ano em curso na Sociedade Portuguesa de Autores, em Lisboa, tivemos recentemente na freguesia onde viveu – no Salão Paroquial de Febres – a antestreia de uma peça adaptada do romance “Pequenos Burgueses” levada à cena pelo Grupo “Cercabrancas”, espetáculo que esteve em cena no Teatro da Trindade, Lisboa, desde 10 a 28 de Novembro de 2011. Para comemoração desta data, está ainda prevista a publicação de uma antologia de atuais prosadores gandraezes.

Foi no contexto antestreia dos “Pequenos Burgueses” em Febres, que António Canteiro escreveu esta carta a Carlos de Oliveira (Carta também publicada no *Jornal Aurinegra* de 11.11.2011.)

“O luar corre pelas frestas das telhas como a bica duma fonte, quando a réstia me alcançar os beijos posso beber à vontade, dorme, não é preciso nada”.

in *Pequenos Burgueses* – Carlos de Oliveira

Obrigado Carlos, pelo que rememorámos hoje à noite, de ti e de todos nós, no salão paroquial da Nª Senhora das Febres, a vila que conheces desde a tua infância.

D. Álvaro continua em forma, tal como o Delegado e o Major, talvez um pouco mais barrigudos, ávidos, de charuto trilhado nos dentes, sempre no encaço para depenar um frango que por aí apareça, tenrinho; mas a Cilinha, pois então!, a filha diletta de os “Pequenos Burgueses” (não! essa não, já casou e terá agora netos?); já a Rosário, continua pródiga e amiga de se deitar com este e com aquele ao fundo do pomar das laranjeiras.

Carlos, nunca tive oportunidade de te dizer, mas digo-to agora, por carta: as tuas palavras são uma dádiva do céu! Ouvi-las, naquela noite, foi como reacender uma “fogueira debaixo da panela de três pés”, ver a chama a estalar e a torcer enroscada nas achas, aquele som benfazejo a crepitar nas profundezas da alma. Ah!, esquecia-me de te falar do Troncho, “com a cara talhada à podoa”, o que urrou até morrer, coitado!, foi até ao último suspiro (ruidoso); e o Raimundo?, o coxo, parece que ainda estou a ver, em sonhos: queria uma alimária, “uma égua baia como a do Major, que era a princesa das éguas”...

Carlos, quero dizer-te que não há no mundo uma noite, com lua e neblina, como esta da Gândara; é que passou tanto tempo e continuam iguais ao que tu escreves no livro. Termina, dizendo que tua réstia alcançou-me os beijos. Dorme! Não é preciso mais nada.

Associação Pais / Encarregados de Educação da Escola Secundária de Cantanhede, 2011 Novembro 25

O SONHO DE ARQUIMEDES

Que seca que tudo seja *somável* ou *diminuível*,

multiplicável ou divisível,

que tudo tenha de dar resto zero.

Bem mais interessantes são os números

quando são primos

e se organizam em sistemas, equações

e a trigonometria vizinha da geometria,

mas sempre numa guerra fria de terminações.

Quão melhor não fora adotar o seno e o cosseno

Sempre tão incompreendidos, coitados!

E que dizer das funções inversas e irracionais?

Imaginar retas no espaço?

Que progressões querem inventar mais?

Bom é o teorema de Pitágoras,

Do avô mais os seus netos,

Da hipotenusa e dos catetos.

Ah! Se o Arquimedes imaginasse

No que deram as suas indeterminações...

Mas, também ele sonhou

E vejamos só as derivações!

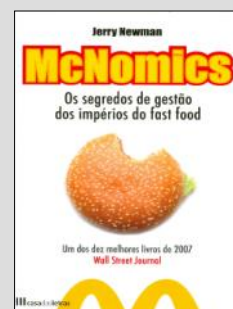
Madalena Toscano



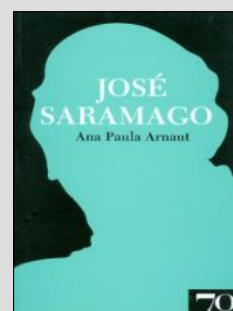
O DIA EM QUE SÓCRATES VESTIU...



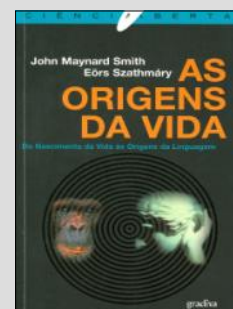
AULA DE RISCO



Os segredos de gestão dos impérios...



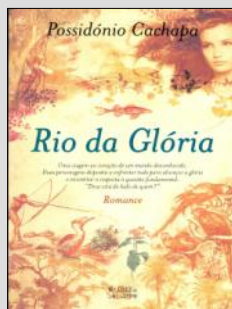
JOSÉ SARAMAGO



AS ORIGENS DA VIDA

novidades

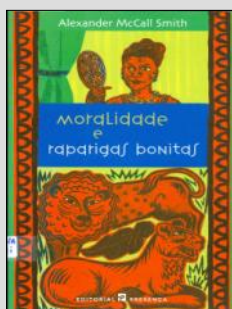
DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA



Rio da Glória



EDUCAÇÃO PARA UMA...



Moralidade e raparigas bonitas



A Minha Escola é Muito Louca!



As francesas não engordam

Dia Internacional da Filosofia

Em 2002 a UNESCO instituiu a terceira quinta-feira de cada mês de Novembro como o Dia Mundial da Filosofia.

A iniciativa surgiu como corolário das Jornadas Internacionais "Filosofia e Democracia", as quais decorreram em Paris, nos dias 15 e 16 de Fevereiro de 1995.

Destas Jornadas decorreram recomendações para que todos os países instituísem e alargassem no ensino da filosofia e a divulgação do pensamento filosófico.

Os argumentos apresentados baseiam-se na constatação de que os problemas de que trata a Filosofia são problemas universais, isto é, que tocam a vida e a existência de todos os homens e de que os métodos do pensamento filosófico são fundamentais para o desenvolvimento de um pensamento crítico e de cidadania.

Assim, foi do entendimento dos signatários do Manifesto para o Ensino da Filosofia de que a reflexão filosófica pode e deve contribuir para a compreensão e a orientação das preocupações humanas, pois a atividade filosófica, que não retira nenhuma ideia à livre discussão, ao se esforçar por precisar as definições exatas das noções utilizadas, verificar a validade dos raciocínios, examinar com atenção os argumentos dos outros, permite a cada um aprender a pensar por si mesmo. Por isso, defendem, o ensino filosófico favorece a abertura de espírito, a responsabilidade cívica, a compreensão e a tolerância entre os indivíduos e entre os grupos.

Desta forma, a educação filosófica forma espíritos livres e reflexivos, capazes de resistir às diversas formas de propaganda, de fanatismo, de exclusão e de intolerância, contribuindo para a paz e preparando cada um para assumir as suas responsabilidades perante as grandes interrogações contemporâneas, designadamente no domínio da ética.

O Programa de Filosofia de 10.º e 11.º anos do Sistema Educativo Português apadrinhou este manifesto e está imbuído dos objetivos aqui apresentados, exigindo a cada professor e a cada aluno um enorme esforço de crescimento no sentido da constituição de um pensamento livre.

Isabel Bernardo



DIVULGAÇÃO DE ACTIVIDADES DA ESCOLA

novidades



Wanderung

Foi com imensa alegria que nós, 147 alunos e 15 professores, no dia 9 de Junho, cumprimos aquilo que já é uma tradição da Escola Secundária de Cantanhede: a Caminhada (Wanderung, em Alemão). O tempo estava tão triste que chorou. Nada que nos tivesse desanimado - afinal, é melhor caminhar sob um tempo fresquinho do que com um calor abrasador. Música, risos, algumas explicações sobre Geografia e Biologia, passagem (só para peritos: "Ai! Ele não vai conseguir passar! Palmas...") pela linda vila da Lousã rumo à serra, mais propriamente Nossa Senhora da Piedade.

Entretanto, o tempo ficou mais alegre, saudando-nos com uns raios de sol. Pausa, nada de stress. Algumas indicações úteis ("Só vamos deixar nesta serra as nossas pegadas, nada mais!") que foram acatadas com muito preceito. E começámos a subir, mas a subir a sério.

"Isto custa!"; "De quem foi a ideia?"; "Vá lá, estamos quase!"; "Ainda falta muito?"; "Sabes, o meu problema é que se me seca a garganta!" ... Paragem para o almoço ou o que lhe quiserem chamar. E espreita-se a comida de um e a comida de outro.

E agora? Agora vai ser mais fácil. Sobe-se um pouquinho e, depois, é sempre a descer. E aquelas cerejinhas pelo caminho?

Saborosas!

Mais uma paragem. Ao longe vêem-se os autocarros. Que paisagem! Como é bonita a natureza! E os pequenos recantos!

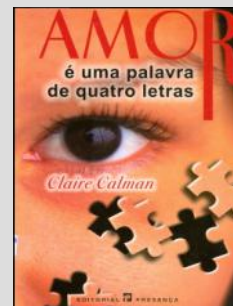
Agora é mais fácil, afinal, "p'ra baixo todos os santos ajudam".

De regresso ao lugar da partida. Amena conversa, ameno convívio.

Uma fotografia aqui, uma fotografia ali. Rumo aos autocarros com passagem pela piscina natural. Um regalo para os olhos, um desejo reprimido de mergulhar na água pura e fria.

No caminho ainda houve tempo para uma pequena paragem de quinze minutos, cumpridos escrupulosamente. Um gelado, um café, um sumo, ou mesmo, nada. E lá chegámos. O tempo afinal tinha sido um aliado e contribuíra para o sucesso desta actividade. Claro que, a par com o tempo, também o comportamento exemplar, digno de nota porque excelente, para isso contribuiu. Estamos todos de parabéns e já ansiamos pela próxima. Até 2012!

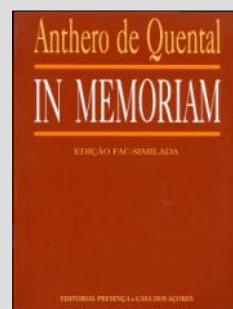
Ana Costa e Silva



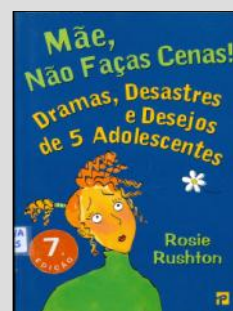
AMOR é uma palavra de quatro letras



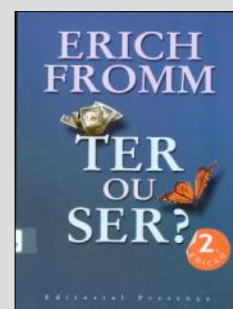
UM LUGAR MÁGICO



IN MEMORIAM



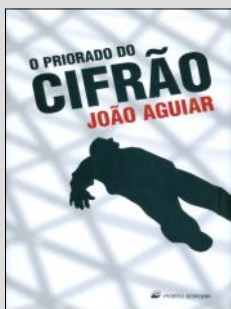
Mãe Não Faça Cenas! Dramas,...



TER OU SER?

novidades

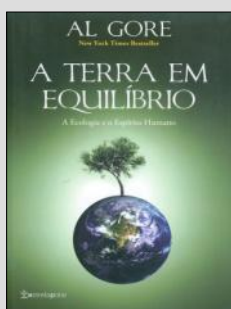
LEITURA(S)



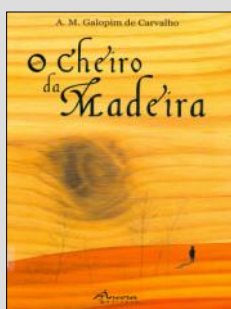
O PRIORADO DO CIFRÃO



13 gotas ao deitar



A TERRA EM EQUILÍBRIO



O Cheiro da Madeira



PAÍS (IN)SUSTENTÁVEL



Daniel Lopes | 11AV



Ana Margarida | 11AV



Beatriz Jesus | 11AV

Rosas e cantigas

Eu hei-de despir-me desta lida,
Rosas? – Árvores! Hei-de abrir-vos covas
E deixar-vos ainda quando novas?
Eu posso lá morrer, terra florida!

A palavra de adeus é a mais sentida
Deste meu coração cheio de trovas...
Que não há bem que pague o desta vida.

E os cravos, manjerico, e limonete,
Oh! Que perfume dão às raparigas!
Que lindos são nos seios do corpete!

Como és, nuvem dos céus, água do mar,
Flores que eu trato, rosas e cantigas,
Cá, do outro mundo, me fareis voltar.

Afonso Duarte

Natureza-morta com flores

1.
O sangue matinal das framboesas
Escolhe a brancura do linho para amar
2.
A manhã cheia de brilhos e docuras
Debruça o rosto puro na maçã.
3.
Na laranja o sol e a lua
Dormem de mãos dadas.
4.
Cada bago de uva sabe de cor
O nome dos dias todos do verão.
5.
Nas romãs eu amo
O repouso no coração do lume.

Eugénio de Andrade

Soufflé de rosas

Colhe-se uma dúzia de rosas
E tiram-se os espinhos, um a um.
Misturam-se as pétalas
Com a essência de Maio,
Salpicam-se com orvalho
Do dia nascente,
Suavemente,
Até sentir a respiração
Diluir-se,
Confundir-se com o arfar
Das pétalas
No coração.
Depois saboreiam-se
Em noite de lua cheia,
Entre a meia-noite e meia
E o nascer da aurora.

Maria Laranjeira | Ângela Gentil

Estamos na Web!

www.escantanhede.pt